

DA ESCOLA BÁSICA À GRADUAÇÃO: LACUNAS DE LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Vladson Ferreira Lima¹; Ana Paula Araújo Mota²

¹Vladson Ferreira Lima, graduando da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Tauá, CE, Brasil, vladson.lima@aluno.uece.br.

²Ana Paula Araújo Mota, Mestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Tauá, CE, Brasil, paula.mota@uece.br.

1.INTRODUÇÃO

O estudante quando ingressa na universidade, vivencia práticas sociais de escrita diferente das que vivenciou no Ensino Médio, essa transição desafiadora da apropriação de leitura e escrita ganha conotações diferentes no Ensino Superior, chamada de letramento acadêmico, elemento primordial para os estudantes construírem um repertório de conhecimentos essenciais durante os cursos de graduação.

Dessa forma os autores Melo e Mokva (2015) entendem o letramento acadêmico como um processo de desenvolvimento de habilidades linguísticas e de interação entre leitura e escrita, uma vez que, não é só aprender a ler e escrever, no caso da decodificação, é usar essas habilidades de forma eficaz, compreendendo, interpretando e produzindo textos que são exigidos no ambiente universitário, desenvolvendo competências discursivas dentro e fora da universidade.

Neste contexto, as habilidades de leitura e escrita, são primordiais para uma carreira estudantil de sucesso e a dificuldade destas habilidades podem refletir na evasão universitária, visto que muitos estudantes ingressam no Ensino Superior com lacunas conceituais, principalmente na realização de leituras críticas, interpretação de textos acadêmicos e na produção de escrita, o que gera, muitas vezes, um sentimento de frustração, dificuldades na aprendizagem e abandono de curso, atingindo especialmente estudantes em situação de vulnerabilidade social que advém de escolas com ensino deficitário.

Não se trata apenas da capacidade de saber escrever ou saber ler textos acadêmicos no sentido instrumental de atender um objetivo específico, mas de entender e participar das práticas discursivas e sociais que constituem o ambiente acadêmico, ou seja, uma presença ativa na participação das aulas, nas escritas pedidas e nas discussões. Dessa forma, é possível fazer o reconhecimento dos diferentes letramentos que os estudantes trazem das práticas sociais que estão envolvidos, isto é, práticas situadas em contextos específicos, moldadas por relações sociais, culturais e de poder.

Fiad e Miranda (2014) destacam a existência de dimensões escondidas e da prática institucional do mistério na academia. A princípio, essa prática institucional do ministério, ocorre quando os professores acreditam que os estudantes já conhecem as práticas letradas, levando-os a não explicitar de forma mais detalhada como escrever ou ler determinados gêneros, ou sequer a ensinar.

Assim, os resultados de sua pesquisa com locus no curso de Letras, indicam que essa prática institucional do mistério, se torna mais perceptível, com estudantes nas ocasiões que não recebem explicações, de como se realiza a escrita dos gêneros solicitados, dessa maneira, acaba apenas recebendo esclarecimentos ou não sobre a produção pedida, levando a buscar estratégias individuais, como recorrer à internet.

Portanto, quando o letramento parte do pressuposto de uma prática social, isto significa que a linguagem escrita e os significados atribuídos dependem dos contextos sociais. Consequentemente, não existe a presença de um único letramento, mas concepções de múltiplos letramentos, variando conforme os significados atribuídos por diferentes grupos sociais e contextos, incluindo o acadêmico.

O objetivo da pesquisa busca identificar as dificuldades em relação à leitura e escrita acadêmica dos alunos ingressantes do curso de Pedagogia e os desafios enfrentados por professores do Ensino Médio em relação a estas habilidades.

2. METODOLOGIA

A Abordagem qualitativa, se aprofunda na busca dos significados dos fenômenos sociais que fragmenta a humanidade, ou seja, busca compreender relações, valores, atitudes, crenças e hábitos que representam os indivíduos e grupos ao que pertencem, a partir dessa conjuntura de acontecimentos gerados socialmente, interpretar a realidade.

Segundo Minayo (2007) a pesquisa qualitativa visa compreender a realidade múltipla e subjetiva, captando as percepções dos indivíduos e as suas experiências, sendo essencial para objeto de pesquisa, no sentido de valorizar os significados e aspirações.

A natureza qualitativa, permitiu explorar as experiências, percepções e sentimentos dos estudantes ingressantes do curso de Pedagogia, assim possibilitando o aprofundamento e compreensão sobre os desafios que eles enfrentam, em relação à leitura e à escrita acadêmica. Bem como, buscamos ouvir os professores, que trabalham na rede de Ensino Médio que foram professores destes estudantes, identificando fatores que influenciam nas dificuldades em relação à leitura e escrita.

A pesquisa de campo foi realizada na disciplina de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, no CECITEC, com 13 discentes matriculados no semestre 2025.1, dessa forma, o pesquisador apresentou a proposta da pesquisa e o convite aos estudantes a participarem através da entrevista, com a temática sobre os desafios enfrentados relacionadas à leitura e escrita acadêmica durante a Educação Básica e no Ensino Superior.

Além disso, foi realizado um questionário direcionado aos professores da Rede Estadual de Ensino Médio, que ministram disciplinas de língua portuguesa, redação e literatura, abordando perguntas que investigam as práticas pedagógicas relacionadas à leitura e escrita e as percepções sobre as dificuldades dos alunos.

Os participantes do estudo são estudantes ingressantes do curso de Pedagogia no semestre 2025.1 e professores que ministraram as disciplinas de português, literatura e redação para estes alunos nas escolas de Ensino Médio no ano de 2024.

A faixa etária dos 13 estudantes que participaram da pesquisa varia entre 18 e 19 anos, característica de estudantes egressos recentes do Ensino Médio. O grupo é composto por 5 homens e 8 mulheres, destes, 7 declararam residir na zona rural e 6 na zona urbana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Soares (2004) explicita que o letramento pode ser entendido como o desenvolvimento de habilidades de uso do sistema de escrita, em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Quando a autora fala de práticas sociais para definir o letramento, ela se refere às atividades que as pessoas realizam de forma conjunta ou individualmente dentro de um ambiente social, ou seja, quando o indivíduo estiver utilizando a linguagem (oral, escrita, visual, etc.), com um grupo de pessoas, em participações de eventos letrados, isto é, se refere a vivenciar e usar a leitura e a escrita, em situações reais da vida social e cultural.

A transição do Ensino Médio para o Ensino Superior, traz novos níveis de exigência e utilização das práticas que tange a linguagem. Na universidade, a escrita ganha uma conotação mais especializada, exigindo um tipo diferenciado de letramento, denominado de letramento acadêmico (Fischer, 2008).

Este modelo não se restringe apenas a questões estruturais e mecânicas da produção escrita, mas concebe os parâmetros que relacionam a escrita como uma prática social complexa que requer uma gama de reflexões críticas, ações, interações e produções, como podemos ver no relato do aluno A3: “A professora às vezes passava atividades com livros para a gente ler, para a gente escolher e fazer resenha. [...] atividades que tinham que ser entregues na escola”. Isso advém de práticas educacionais focadas na estrutura e avaliação exercidas no Ensino Médio, que não trabalhou habilidades primordiais que são demandadas na universidade, por exemplo, a análise crítica e posicionamento na construção do texto.

A apropriação de leitura e escrita e o desenvolvimento do letramento acadêmico é uma condição primordial para o estudante consolidar as aprendizagens nos cursos de graduação e construir uma carreira estudantil de sucesso.

A entrada no Ensino Superior carrega um misto de emoções, anseios, dúvidas e dificuldades. Dessa maneira, a forma de produzir textos ganha conotações diferentes de rigor e profundidade, assim para alguns alunos quando tem o contato com a escrita, sente logo de cara a necessidade de adquirir essa “noção” e “habilidades” que lhe faltam, como o estudante A4 relata: “Espero ter uma noção de como fazer um texto acadêmico [...] desenvolver habilidades de escrita e leitura.”

Essa fala do estudante se relaciona com autor Santos (2022), explicitando que as práticas discursivas exigidas na universidade se diferenciam da Educação básica, por isso é normal os discentes manifestarem dificuldades vivenciadas sobre o letramento acadêmico. Desse modo, as adversidades encontradas pelos estudantes, se dão principalmente no conhecimento linguístico, ao fazer análises de textos, além de compreender e ter conhecimento de diferentes gêneros textuais utilizados no Ensino Superior.

Por isso, é importante o estudante adquirir o conhecimento e participar das práticas discursivas específicas do espaço universitário, pois quando o discente se sente confiante melhora não só o seu aprendizado, como também sua capacidade de enfrentar desafios.

Além disso, os discentes ao serem perguntados sobre as suas expectativas em relação a disciplina de Leitura e Produção de textos acadêmicos? A3 respondeu: “Meus objetivos é procurar melhorar cada vez mais minha leitura, minha produção de texto, minha interpretação, minhas ideias [...] Espero que a disciplina me ajude a construir essa ideia”.

como um espaço de aprimoramento de sua interpretação e a produção de texto, indica uma busca por competências fundamentais no seu desempenho acadêmico, e também um objetivo de melhoramento na comunicação eficaz em contextos diversos.

Já o discente A7, reforça a importância de se apropriar dos gêneros acadêmicos na universidade, ao afirmar: “Minha expectativa é que eu saia dessa matéria com uma noção, pelo menos, de como fazer um texto acadêmico”. Portanto, o relato faz uma evidência de que o estudante tem consciência inicial, sobre a necessidade de se apropriar das convenções textuais exigidas no meio universitário. O estudante A8, aborda esse aspecto formativo, mas enfatiza a questão da superação de déficits anteriores: “A minha principal expectativa é aprender [...] ter uma noção de como é a escrita na faculdade, pra não ficar tão perdida”. Nessa fala, o discente mostra uma preocupação, com o processo emanado sobre adaptação do universo acadêmico e às suas exigências linguísticas.

Haiashida (2012) discute que as disciplinas de instrumentalização de gêneros acadêmicos, são essenciais para o domínio da metodologia científica, e para formação identitária do estudante. A autora explicita que as disciplinas de pesquisa, possibilitam ao discente fazer escritas e reescritas dos textos, sendo um processo primordial para entender a compreensão ou não dos conceitos e o domínio da metodologia científica da área do curso de Pedagogia.

Ao correlacionar as respostas dos professores e dos alunos, sobre quais gêneros textuais eram trabalhados em sala de aula, os dados dos alunos mostram uma frustração com a transição: Estudantes como A1 e A6, relatam que o Ensino Médio os preparou apenas para “estrutura e repertório do Enem”, não para textos acadêmicos. A8 destaca: “No ensino médio preparam muito para textos do ENEM, mas não para textos acadêmicos”. Portanto, Oliveira e Júnior (2023) criticam a “robotização” da escrita escolar, ou seja, essa priorização de fórmulas prontas e gêneros limitados, e essa falta de exposição a gêneros universitários como artigos e resenhas corrobora com as falas dos alunos.

O professor S5, ao ser indagado quais seriam as dificuldades mais comuns que ele observava nos alunos, quando solicitava uma leitura que exigisse aprofundamento nas ideias do autor e compreensão crítica do texto, respondeu: “Eles sabem decodificar as palavras, mas tem dificuldade de compreender as ideias abordadas”.

Ademais, essa fala do docente conversa com a adversidade que o aluno A7 relata: “Às vezes leio um texto acadêmico e, no final, não sei o que o autor quis dizer. Parece que estou lendo códigos.”

A professora S3, ao ser indagada, quais seriam as dificuldades mais comuns que você observava nos alunos quando solicitava uma leitura que exigisse aprofundamento nas ideias do autor e compreensão crítica do texto, diz: “Desmotivação, falta de atenção e concentração”. Isso se relaciona com a fala do aluno A3: “Se um livro não me convence nas primeiras páginas, eu desisto. [...] Tem que ser uma leitura que me fisga do começo ao fim.”

Farias (2012) explica que a escola, muitas vezes, não possibilita que os alunos, tenham interesse pelos livros, não fundamentando uma relação sistemática e habitual com a leitura. Dessa maneira, a prática de leitura é vista pelos alunos como uma atividade só com caráter pedagógico, vou ler e responder a tarefa relacionada ao texto, e acabou.

Portanto, durante a Educação Básica o estudante olha a leitura como uma atividade obrigatória e formal, e não como algo que pode ser prazeroso, que pode desenvolver sua identidade pessoal e estudantil, durante as práticas sociais que se intermeiam ao seu redor.

O Professor S5, ao ser perguntado, sobre o processo de atividades de escrita que demandavam o desenvolvimento aprofundado de ideias e uso de elementos de complexidade (ex: conectivos, argumentação), quais desafios eram mais frequentes que ele observava, nos indica que: “A dificuldade dos alunos em colocar as ideias no papel, ou seja, a escrita de forma contextualizada”. Dessa maneira, esse apontamento dialoga exatamente com a fala do estudante A8: “Me perco na hora de escrever [...] Não sei como começar ou como ligar uma parte à outra”. Peixoto (2012) explicita que os alunos passam mais de 11 anos aprimorando as suas habilidades de leitura e escrita na escola, e passaram pela seleção do vestibular, pode se presumir que estes estudantes dominam essas duas práticas. Entretanto, a autora chama atenção que não pode-se só olhar a leitura e escrita, como uma habilidade de decifração, e sim o discente ter a capacidade de se movimentar de forma autônoma entre os diferentes tipos de gêneros textuais, conseguindo atribuir sentidos a eles.

A professora S3, ao ser perguntada sobre quais ações considera prioritárias no Ensino Médio para que os alunos cheguem à universidade mais preparados para as exigências de leitura e escrita do Ensino Superior, respondeu: “Os alunos precisam ter o hábito de ler. A leitura precisa ser estimulada”. O relato da professora discorre justamente com a fala do estudante A12: “Minha mente divaga porque não estou acostumada a focar em leituras longas”.

A dificuldade dos estudantes ingressantes do curso de Pedagogia, portanto, é menos uma deficiência individual e mais um sintoma de um desencontro de projetos educativos, o Ensino Médio, muitas vezes, condicionado a um modelo transmissivo e avaliador, forma decodificadores e aplicadores de fórmulas, a universidade, em sua essência, demanda produtores de sentido e interlocutores críticos.

Ampliar o foco do letramento, logo, é uma questão de justiça acadêmica, é garantir que todos os alunos, independentemente de sua origem escolar, tenham acesso às práticas discursivas que lhes permitirão entender a universidade, e se construir como sujeitos do conhecimento, capazes de ler o mundo com rigor e de nele intervir com suas próprias palavras.

A disciplina de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos surge não como um remendo, mas como uma ponte essencial e um espaço de emancipação discursiva, onde se explicitam as regras das práticas de letramento que antes eram invisíveis, permitindo que o estudante, finalmente, possa nele participar como autor.

4. CONCLUSÕES

Este estudo buscou identificar as dificuldades de leitura e escrita acadêmica enfrentadas pelos alunos ingressantes do curso de Pedagogia, correlacionando-as com os desafios observados por professores do Ensino Médio. Dessa forma, existe uma lacuna significativa no letramento dos egressos da Educação Básica, que se torna crítica diante das demandas discursivas do Ensino Superior.

Logo, a transição para a universidade evidencia um desencontro de objetivos e práticas. Enquanto o Ensino Médio, frequentemente condicionado a um modelo instrumental e avaliativo focado em exames como o ENEM, priorizou a decodificação textual e a aplicação de fórmulas de escrita, a universidade exige a imersão em um letramento acadêmico de natureza social, crítica e especializada.

As vozes dos docentes do Ensino Médio ajudam a entender essa problemática, ao apontarem a desmotivação para leituras longas, a dificuldade de compreensão de ideias complexas e a escrita descontextualizada de seus ex-alunos. Essa convergência entre as percepções discentes e docentes reforça que o problema não é individual, mas estrutural e sistêmico, relacionado a um modelo de ensino de língua que ao priorizar a estrutura em detrimento da autoria, a tarefa em vez do

engajamento, não prepara o aluno para atuar como interlocutor crítico em uma comunidade discursiva.

Compreender essas dificuldades em sua raiz é fundamental para dar um passo para romper esse ciclo. Certamente, ao diagnosticar os pontos críticos como a fragilidade argumentativa, a dificuldade de síntese, análise crítica, e o desconhecimento das convenções acadêmicas. Logo, a universidade tem que desenvolver e implementar mecanismos de apoio mais eficazes e direcionados, ou seja, isso inclui a potencialização de disciplinas introdutórias específicas como "Leitura e Produção de Textos Acadêmicos", que é uma disciplina do primeiro semestre do curso de Pedagogia.

Além disso, a criação de oficinas de escrita e leitura crítica, programas de tutoria e monitoria mais robustos e focados, com o objetivo de fazer a integração transversal do desenvolvimento dessas habilidades em todas as disciplinas do currículo. Sem dúvidas, o ambiente universitário precisa se constituir como um espaço de acolhimento e superação dessas adversidades.

Em síntese, garantir a transição bem-sucedida para o letramento acadêmico é uma questão de equidade e justiça educacional. É assegurar que todos os estudantes, independentemente de sua trajetória escolar prévia, tenham acesso às práticas discursivas que lhes permitirão não apenas permanecer na universidade, mas nela se constituírem como sujeitos do conhecimento, aptos a ler o mundo com rigor e a nele intervir com suas próprias palavras e na construção de uma sociedade mais reflexiva e crítica.

Palavras-Chave: Letramento acadêmico, práticas discursivas, universidade.

REFERÊNCIAS

FARIAS, M. F. Como os professores ensinam. In: RIBEIRO, R. M. B. et al. (Org.). **Leitura e construção do conhecimento na universidade**. Fortaleza: EdUECE/ABEU, 2012. p. 89-104.

FIAD, Raquel S.; MIRANDA, Fernanda D. S. S. Letramentos Digitais e Acadêmicos Em Contexto Universitário: Investigando Práticas Letradas Em Um Curso De Letras De Uma Universidade Pública. **COLINEARES**, Mossoró, RN, v. 1, n. 1, p. 31-50, 2014. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/70>. Acesso em: 4 jul. 2025.

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 30, n. 2, p. 177-187, 15 dez. 2008.

HALASHIDA, K. A. As contribuições da pesquisa. In: RIBEIRO, R. M. B. et al. (org.). **Leitura e construção do conhecimento na universidade**. Fortaleza, CE: EdUECE/ABEU, 2012. p. 67-88.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, D. A. de J.; Júnior, R. C. P. Análise discursiva das percepções de licenciandos em Pedagogia sobre a construção de letramento acadêmico-científico. **Revista de Iniciação à Docência**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1-14, 2023. DOI: 10.22481/riduesb.v8i1.12202. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/rid/article/view/15951> Acesso em: 17 dez. 2024.

PEIXOTO, R. C. Era uma vez um leitor que cresceu e virou professor. In: RIBEIRO, R. M. B. et al. (Org.). **Leitura e construção do conhecimento na universidade**. Fortaleza: EdUECE/ABEU, 2012. p. 45-66.

SANTOS, F. das C. V. V. dos. Letramento Acadêmico no Ensino Superior: uma discussão importante. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de Fora, MG, v. 12, n. 1, p. 10-20, 2022. Disponível em: <http://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/40652/25792&ved>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SOARES, M.. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, jan. 2004.

